

5ª PARTE

Discursos

Discurso de posse

José Alves Fernandes

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Academia Cearense de Letras, Dr. Pedro Henrique Saraiva Leão, (...) Senhores Acadêmicos

Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Peço vênua para iniciar esta oração, escusando-me pelo anacronismo de uma reminiscência clássica, ao designar este dia com a alvissareira expressão romana *albo notanda lapillo dies!* Dia a ser assinalado com uma têsseira branca indiciativa de felicidade e de gratas emoções.

Trata-se, na verdade, de um dia singular e particularmente significativo na minha já bastante longa jornada existencial. Já se me torna, com efeito, sintomaticamente indisfarçável a concentração voltada para o meu, a esta altura, bem alongado *après-midi*, quando hoje completo precisamente 79 “vinte e uns” de outubro. Que Deus seja louvado!

Mas não prosseguirei a falar de mim mesmo, tarefa difícil e arriscada, que exigiria uma impositação especialíssima, sujeita, ainda assim, a interpretações problemáticas. Afinal de contas, ninguém conhece menos do que cada um a si mesmo. O rei Édipo, que decifrou o enigma da Esfinge, não conseguiu descobrir, senão tarde demais, que era filho de quem era, e que não poderia ter sido marido de quem foi.

Mas se não posso, ou não devo, ou se temo falar de mim mesmo, sou compelido a falar de outros, por injunção da pragmática e por determinação do mito e do rito.

Assim é que, em obediência à praxe acadêmica, passo a referir alguns dados significativos em relação ao Patrono da cadeira nº 29 e aos seus sucessivos ocupantes, e da qual me encontro em pleno ato de tomada de posse.

Quanto ao meu Patrono, trata-se da figura de Paulino Nogueira Borges da Fonseca, resumidamente citado como PAULINO NOGUEIRA, nascido em 1842 e falecido em 1908.

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife e, em decorrência da sua condição de bacharel veio a exercer numerosas atividades e a desempenhar importantes cargos de natureza técnica ou política a que serviu com reconhecida e notória competência.

Homem de boas letras, pode-se-lhe aplicar a classificação de polígrafo ante as numerosas e variadas produções, a maioria das quais fez estampar na *Revista do Instituto do Ceará*, de que foi presidente ou diretor por largos períodos. São peças de natureza histórica, biográfica, geográfica, administrativa e propriamente literária.

Merece singularizar-se ainda a sua importante contribuição de caráter linguístico, o *Vocabulário Indígena em Uso na Província do Ceará*, que enriquece sobremodo a bibliografia dialetal do nosso Estado.

O referido trabalho constitui três quartas partes do Tomo IV da *Revista do Instituto do Ceará*, estendendo-se da página 209 a 432, e conta com a nominata de 575 verbetes.

Trata-se de trabalho meritório em que pese a certas fragilidades e erronias imputáveis às circunstâncias do tempo e a um certo aventurismo idiosincrático do nosso esforçado tupinólogo.

Dispensamo-nos da exibição de provas do que afirmamos, dada a impertinência da ocasião ou da impropriedade do momento.

Além do mencionado Patrono, ocuparam a nossa cadeira nº 29 as seguintes personalidades: Dr. Guilherme Studart, Carlos Studart Filho, Itamar Espíndola e José Costa Matos, a quem estamos sucedendo a partir da presente data.

Quanto ao Dr. Guilherme Studart, de filiação inglesa e, nobiliarquicamente, denominado Barão de Studart, trata-se de um dos ícones da história intelectual do Ceará – peça desculpas por estar colaborando para a banalização da aristocrática palavra grega – ícone – homem de boas, de belas e de muitas letras, como nos informa a sua pletórica bibliografia.

Com efeito, a sua poliédrica produção multifurca-se frondosamente por diversos ramos do conhecimento humano, do que nos dá conta a seguinte resenha bibliográfica: *Seiscentas datas para a crônica do Ceará na segunda metade do séc. XVIII; Notas para a história do*

Ceará; Datas e fatos para a história do Ceará; Anais da imprensa cearense; Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará, todas no domínio da ciência de Tucídides.

No campo da Medicina, de que era profissional, formado pela famosa Faculdade de Medicina da Bahia, deu à estampa as seguintes obras: *Ciência médica* (de 1889); *Patologia histórica brasileira: documentos para a historia da pestilência da bicha ou males* (de 1894-1895); *Climatologia, epidemias e endemias do Ceará* (de 1909); *Sobre o obituário infantil de Fortaleza* (de 1913); *A morfêia em Fortaleza* [também chamada lepra e hoje rebatizada com a denominação neutra, opaca ou apotropaica de hanseníase] (de 1918) e *Tuberculose e o operariado* (de 1921).

Legou-nos ainda, no domínio da lexicografia especializada, o benemeritíssimo *Dicionário biobibliográfico cearense*, em três alentados volumes (de 1910-1915), além de uma *Geografia do Ceará* (de 1924).

Ao ilustre pró-homem – ou multihomem – que exorna a galeria histórica da Academia Cearense de Letras – o nosso rendido tributo de reconhecimento, respeito e admiração.

Assinalemos a seguir o nome de Carlos Studart Filho – sem nenhuma vinculação de parentesco com o seu antecessor – homem lido e corrido, cujo curso ou percurso de humanidades se processou em escolas do Ceará, do Amazonas e da Suíça, vindo a laurear-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Concomitante com a Medicina exerceu o magistério em instituições militares do Ceará, do Rio de Janeiro e de São Paulo, havendo sido ainda professor na histórica e tradicional Escola Normal de Fortaleza.

Figura polifacética, como se pode observar, granjeou merecida notoriedade em sua época como jornalista, geógrafo, historiador e indigenista, produzindo trabalhos marcados pela excelência da linguagem a par da solidez e consistência inspiradoras da sua confiabilidade científica.

Além de membro da Academia Cearense de Letras, integrou ainda o egrégio Instituto do Ceará, hoje acrescido das especificações – Histórico, Geográfico e Antropológico.

A nomeação de suas obras atesta a veracidade das nossas informações. Escreveu: *As fortificações do Ceará; Antiguidades indígenas do Ceará; A história colonial do Ceará; O Ceará sob o regime das capitânicas hereditárias; Vias de comunicação do Ceará colonial; Primitivo comércio marítimo do Ceará*; além de *Fundamento geográfico e histórico do Estado do Maranhão; A bandeira de Pero Coelho; Civilização pré-colombiana da América e Os arianos*.

Referiremos, para concluir esta resenha, o último dos ocupantes da Cadeira nº 29 a anteceder a figura do poeta Costa Matos, cujo passamento foi a causa determinante primária do presente evento.

Trata-se da personalidade marcante que foi Itamar Espíndola, espírito dinâmico, ágil, desinquieto, vocacionado para o mister de animador cultural, de que foi realmente lídima expressão no exercício da sua diuturna atividade jornalística.

Bacharel em Direito, deu à luz os seguintes trabalhos no campo da sua especialidade: *Aumento e atualização de aluguéis; Notificação premonitória para despejo e Advogados de 1928*.

Por conta da sua vivacidade ou inquietação anímica, tratou de temas variados, díspares ou até mesmo insólitos, tais como: *O mundo do gato; João Paulo II - à luz da psicognomia; Carta do infinito; Adivinhando, aprendendo e divertindo-se; Advogados santos*, etc.

A tal disposição anímica, ou inclinação marcante para o insólito, para o divertido ou jocoso, aplicavam os nossos helenistas a designação de eutrapelia, etimologicamente uma boa tirada, uma boa jogada ou um bom lance, destinado ao arejamento do espírito.

Assim é que o nosso eutrapélico Itamar Espíndola achou de armar uma boa jogada, suscitando num dos jornais de Fortaleza a embaraçosa questão gramatical do plural de “dez”: Deve-se dizer “dois dez” ou “dois dezes”?

Depois de sucessivas edições do jornal, apresentando ou reapresentando a *magna quaestio*, resolvi entrar na pendência, escrevendo um artigo intitulado: “A peguilha dos dezes”. No que fiz muito mal. A partir do título do artigo que foi considerado antieutrapélico. Eu levarei a sério demais a boa tirada do Dr. Itamar.

O restante da estória ficará também para ocasião menos impertinente. Que me perdoem todos a eutrapelia.

Encareça-se, igualmente, que a aplicação constante do Dr. Itamar Espíndola em prol da Academia foi sempre de molde a imprimir um caráter de dinamismo altamente significativo para o bom funcionamento da Instituição.

Consignemos, por fim, que, além de membro da Academia Cearense de Letras, pertenceu ele ainda à Academia Cearense da Língua Portuguesa, legando como prova testemunhal da sua pertença a esta última os trabalhos: *Para compreender o português, Português para você* e *Nova reforma ortográfica – a Lei nº 5*.

Minhas Senhoras, meus Senhores:

A esta altura da minha apresentação, chegamos ao momento-ápice determinativo da razão de ser da realização deste evento – o da tomada de consciência da saída de cena do último ocupante da Cadeira nº 29: o inesquecível e saudoso poeta Prof. Costa Matos.

Inesquecível e saudoso, repetimos, pois falar do desaparecimento de pessoas queridas, como dissera Heidegger, é celebrar a presentificação da sua ausência.

Os homens passam, mas o Homem fica. Fica através da sucessividade histórica, sacralizada pelo rito de passagem celebrado no processo eletivo renovador das instituições.

Estou chegando, pois, não para substituí-lo, pois ninguém é substituível, mas para sucedê-lo, para dar continuidade a esse processo, perenemente renovado.

Daí a justificativa da axionímia de “imortais” aplicada aos que se inserem nessa corrente ininterrupta de representantes da *intelligentzia* de uma comunidade.

Sem sombra de dúvida, a Academia Cearense de Letras tem sido e deve continuar a ser o epicentro da cultura humanística da nossa cidade e da nossa terra, razão pela qual pertencer aos seus quadros é brasão de excelência e de nobilitação intelectual.

Senhores Acadêmicos:

Mais do que honrado, sinto-me envaidecido e feliz pela consagrada votação com que ungistes a minha eleição para a vossa – e agora posso também orgulhar-me de poder dizer – para a nossa Academia.

Com efeito, os testemunhos de apreço e consideração, a par dos protestos de estímulo à minha candidatura, foram capazes de deflagrar a minha decisão de concorrer a esse memorável pleito.

Confesso haver guardado sempre em relação à Academia uma espécie de temor reverencial que me levava a repetir comigo mesmo: *Domine (ou Domina) non sum dignus*.

Dignos de a ela pertencer, *de iure et de facto*, são restritivamente, os poetas, os contistas, os romancistas, os escritores ou criadores literários, em suma, os literatos na verdadeira e estrita significação do termo. Ao modesto filólogo-linguista José Alves Fernandes já lhe sobejava a distinção de membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Seja como for, porém, o fato consumado é que aqui cheguei e que aqui estou, prestigiado e confortado pelo calor da vossa amizade e da vossa simpatia.

Quero dizer-vos, porém, a bem da verdade e da paz da minha consciência, que se sou de fato aquele recipiendário caracterizado pela generosa apresentação da minha dileta recepcionista, Dra. Noemi Elisa, grandíssima parte desse patrimônio de predicamentos pertence de direito àquela parte de mim mesmo que constitui as minhas circunstâncias (*mis circunstancias*) da afortunada definição de “eu” (*yo*) formulada e tornada proverbial por Ortega y Gasset. Isto é, pertence comunitariamente àqueles de vós que são ou que foram meus colegas de magistério, meus consócios, meus contemporâneos de estudos em todos os níveis, meus professores ou meus discípulos, meus parentes ou familiares, meus amigos ou amigos dos meus amigos.

Relativamente à categoria dos meus ex-discípulos, peço vênia para nomear, nuncupatoriamente, aqueles aos quais me incorporo hoje na condição de confrade no seio desta prestigiosa instituição.

Por conveniência ou amor da brevidade e por caridade para com o distinto auditório, deixo de recensar as titulações e predicamentos da benemerita biobibliografia de cada um.

A eles que, graças ao seu talento e competência, vieram a ultrapassar o antigo mestre, a homenagem desta pública citação nominal. (Por ordem alfabética, para não levantar suspeita de preferencialidades).

1. Angela Gutiérrez – Letras – UFC
2. César Barros Leal – Centro de Cultura Portuguesa – UFC
3. Cid Sabóia de Carvalho – Curso Prof. José Alves;
4. Genuíno Francisco de Sales – Letras – UECE;
5. Giselda Medeiros – Faculdade Católica de Filosofia do Ceará – Centro Educacional Eduardo Claparède;
6. Horácio Dídimo – Letras – UFC;
7. José Batista de Lima – Letras – UECE;
8. José Linhares Filho – Letras – UFC;
9. José Maria Barros Pinho – Curso Prof. José Alves;
10. Maria Beatriz Rosário Alcântara – Letras – UFC;
11. Marly Vasconcelos – Curso Prof. José Alves;
12. Regine Limaverde – Colégio Lourenço Filho e Letras – UFC;
13. Sânzio de Azevedo – Colégio Agapito dos Santos
14. Teoberto Landim – Letras – UFC.

Desejo acentuar que esta referência incidental à guisa de parêntese, àquela quadra da minha atividade docente, representa a revisitação de saudosa página memorialística de uma crônica vivida que leva a vantagem de não se apresentar amarelecida pelo tempo.

Mas fechemos este parêntese reminiscente e voltemo-nos para o interesse nuclear da nossa apresentação. Tornemos nossas vistas ao ausente-presente, à personalidade que foi e que é José Costa Matos.

No plano humano e social um exemplo paradigmático, reconhecido e proclamado por todos. Homem sensível e prudente, sempre atento às variadas circunstâncias do seu entorno, desde o âmbito da sua constelação familiar, segundo depoimento da sua saudosa esposa, Sra. Dona

Aldery Matos, passando pelo trato quotidiano com os seus pares, até à cena aberta das suas funções públicas, como servidor categorizado e como professor exemplar. Numa palavra, um autêntico cidadão.

Para a tarefa exegética de análise da obra literária do nosso antecessor, necessitaríamos de menos angusto espaço de tempo do que o protocolarmente reservado ao ritual consecratório de uma tomada de posse.

Trata-se, com efeito, como diriam os nossos maiores, de obra de assento e sobremão, para cujo desempenho honesto se faria necessário maior investimento de *otium* e de *negotium*.

É de justiça reconhecer que nos legou o escritor e poeta Costa Matos uma obra singular e dos mais elevados créditos no conspecto da mais recente literatura cearense.

Como poeta, exercitou, do ponto de vista da arquitetura poemática, ao lado da forma fixa, representada pelo soneto, em versos rimados ou não rimados, composições versilibradas, afirmando-se com igual maestria em ambas as modalidades de construção formal.

Exemplificam-se os dois estilos ou modalidades formais, respectivamente, em *Estações de Sonetos* e *Povoamento da Solidão*, incluindo o segundo as duas mencionadas tipologias ou modalidades.

Como prosador, revela, tanto nos contos de *Na trilha dos Matuiús*, como no romance *O rio subterrâneo*, uma escrita ágil, moderna, intensiva e extensivamente marcada pela expressividade linguageira do falar nordestino e particularmente cearense, sem nenhuma vergonha ou inibição de ser autêntico.

Afinal de contas, se a língua portuguesa é uma só, a literatura em língua portuguesa são duas realidades hoje radicalmente distintas: a portuguesa e a brasileira, ambas ricamente diferenciadas dos pontos de vista diatópico e diastrático.

Além das aludidas obras, faz-se necessário mencionar a sua atividade escritural em resenhas, críticas, comentários e depoimentos sobre produções literárias, bem como inúmeros artigos jornalísticos em que deixou marcada sua presença de intelectual *aggiornato* e antenado, participando ativamente da vida política e cultural da sua terra.

Sua obra, como um todo, revelam-no um homem culto, até mesmo erudito, senhor de muitas leituras e de fino espírito de observação do mundo e das coisas.

Seus juízos de valor sobre pessoas, acontecimentos e fatos, lastreados de sinalizações de ordem filosófica, metafísica ou ontológica, demonstram uma postura firme e consistente, pautada sempre pela responsabilidade social e intelectual do homem que se dá conta do papel de veiculador de ideias e de opiniões diante da lei e da grei.

Diferindo, no entanto, para ocasião mais propícia uma análise e apreciação mais satisfatória da obra do meu valioso antecessor, peço vênua para dedicar estes instantes finais da minha oração aos agradecimentos mais sinceros a todos aqueles que contribuíram para o êxito e brilhantismo desta festa de homenagem e de respeito à Academia e à cultura da nossa terra.

Particularizando, no entanto, com a devida permissão do Sr. Presidente da Academia, alguns agradecimentos especiais, quero dizer: Obrigado à representação do Núcleo de Cultura Clássica – NUCLÁS – da UFC, através dos professores: Eleazar Magalhães Teixeira, Ana Maria Pompeu, Roberto Arruda de Oliveira, Orlando Luís de Araújo, Josenir Alcântara de Oliveira e Francisco Edir de Souza; à representação do Colégio Militar de Fortaleza através do seu Comandante C.^{el} Osael Teodósio de Melo, do Cap. Américo Dantas , e da Prof.^a Ana Maria Melo com seus 5 (cinco) briosos alunos da Instituição em caracterizado traje de gala ou de festa.

E porque os últimos serão os primeiros, meus agradecimentos especialíssimos à acadêmica e mitóloga Noemi Elisa, acumpliciada defensora da cultura clássica, pelas enaltecedoras palavras com que me comprometeu cada vez mais ante o despótico decreto do *noblesse oblige*.

Muitíssimo obrigado!!!